

Edição e legitimação literária: Vestígios em cartas de escritoras mineiras do século XX¹

Ana Elisa RIBEIRO²

Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG³
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/Acervo de Escritores Mineiros UFMG

Resumo

Este trabalho é parte dos resultados da pesquisa de pós-doutoramento intitulada “Redes editoriais de escritoras mineiras no século XX”, cuja questão-guia foi a seguinte: Diante de um cenário de resistência à participação da mulher no espaço público, como algumas escritoras conseguiram publicar e legitimar suas obras, em meados do século XX? Com base na pesquisa da correspondência de três autoras mineiras – Lúcia Machado de Almeida, Henriqueta Lisboa e Laís Corrêa de Araújo –, integrantes do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, pôde-se flagrar certa consciência das dificuldades gerais – e das particulares – para a publicação, a circulação e a legitimação de obras literárias no séc. XX, especialmente quanto às escritoras.

Palavras-chave: Produção editorial. Autoria feminina. Literatura brasileira contemporânea.

1 Violência simbólica e autoria feminina

Começo estas anotações com a citação do trabalho da professora e escritora Maria Esther Maciel (2002) sobre a poeta e ensaísta mineira Laís Corrêa de Araújo:

Por que a Laís está aqui? – esta foi a pergunta que alguém da platéia dirigiu à mesa de abertura da *Semana de Poesia de Vanguarda*, em agosto de 1963, quando integrantes do movimento da Poesia Concreta e poetas da revista mineira *Tendência* se reuniram em Belo Horizonte para a articulação de uma ampla frente de vanguarda que pudesse conciliar as propostas de inovação e experimentação estéticas com um programa de intervenção crítica na realidade nacional. (MACIEL, 2002, p. 58)

Com isso, antecipo o recorte da pesquisa que desenvolvi entre 2015 e 2016, no Acervo de Escritores Mineiros/Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais: *Diante de um cenário de resistência à participação*

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do PPG em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, na linha 4: Edição, Linguagem e Tecnologia. Doutora pela UFMG. anadigital@gmail.com

³ Meus agradecimentos ao CEFET-MG e ao Departamento de Linguagem e Tecnologia pelo apoio ao cumprimento de nosso *direito e dever* de qualificação profissional, na forma da licença para capacitação, a mim concedida sem restrições, após 9 anos de efetivo e incansável exercício. Agradecimentos à supervisora no Pós-Lit, profa. Dra. Constância Lima Duarte; ao prof. Dr. Reinaldo Marques, coordenador do seminário de pesquisas do Celc; aos funcionários do Acervo de Escritores Mineiros; ao apoio e ao carinho do Rafael F. Carvalho.

da mulher no espaço público, em meados do século XX, como três escritoras mineiras se tornaram publicadas e, em alguma medida, legitimadas?

Creio que a construção de uma narrativa que desvele o que foi tornar-se escritora publicada no século XX, no Brasil, possa também iluminar os mecanismos editoriais e sociais que atuam ainda hoje, na produção escrita literária de autoria feminina. Parece-me incontornável conhecer a história de Laís e de outras mulheres autoras para ter maior consciência dos acontecimentos atuais, especialmente neste contexto de recrudescimento das discussões feministas.

Por que a Laís está aqui? não é apenas uma pergunta. É silenciamento e apagamento. É, também, sinal de que Laís terá de insistir e *persistir*, se quiser existir no campo literário – ferinamente disputado, por sinal. De outro lado, a poeta mineira Henriqueta Lisboa, já aos 78 anos, em carta a Cassiano Nunes, indagava – com reticências: “Terá valido a pena a persistência?...” (2 de abril de 1979).

Henriqueta foi incansável no objetivo de ser escritora de literatura, de publicar, de fazer circular sua obra, de atuar em várias frentes (tradutora, ensaísta, professora, antologista). Tinha consciência do esforço que empreendia e da resposta lenta que poderia obter, se a obtivesse. Manteve vasta e diversa correspondência com Laís Corrêa de Araújo, com Cecília Meireles e com outras autoras de seu tempo, assim como com muitíssimos escritores, seus colegas, sendo talvez os mais conhecidos Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade.

A propósito, é o cronista Humberto Werneck (2012) que narra um episódio curioso envolvendo Drummond e seus colegas de redação do jornal *Diário de Minas*, nos anos 1930. Para “quebrar um pouco o marasmo da vida intelectual belo-horizontina” (p. 27), a jovem equipe desse periódico resolveu lançar um concurso que elegeria “o Príncipe e a Princesa dos Poetas Mineiros”. Era, claramente, galhofa, com dados manipulados e semanas contínuas de apuração fraudulenta. Afinal, ficou em primeiro lugar o poeta Honório Armond, de Barbacena, e, entre as mulheres, a vitória coube à poeta Julinda Alvim (seguida de Henriqueta Lisboa, que estreara em 1925, e, mais adiante, de Cecília Meireles, carioca). Assim segue o cronista, ao falar da Princesa Julinda (com grifos meus):

Entre as poetisas, a vitória coube a Julinda Alvim, de quem *o tempo apagaria os versos (...)* e *até mesmo o nome (...)*. (WERNECK, 2012, p. 27-28)

Pois bem: o tempo? Certamente que não. Teria “o tempo”, impiedoso, feito o mesmo a Honório Armond? Assim como muitos outros livros e manuais, *O desatino da rapaziada* constrói uma narrativa parcial das décadas entre 1920 e 1970, em Belo Horizonte e em Minas Gerais, a começar pela *rapaziada*. O apagamento das escritoras pode estar explicado nas passagens, inúmeras, em que Werneck trata de aspectos sociais mais amplos, como a implícita proibição de que moças partilhassem os mesmos espaços de sociabilidade que os rapazes, na BH daquelas décadas: padarias, livrarias, cafés, redações de jornal, bares e salões (e os arredores da Rua da Bahia, célebre até hoje).

Um quadro teórico pode emoldurar essas questões. Geralmente, é a sociologia de Pierre Bourdieu que informa e auxilia a análise dos fatos e das narrativas. Para o momento, menciono a elaboração do autor sobre “violência simbólica”, retirada do livro *A dominação masculina* (2011):

(...) violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou de uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele. (BOURDIEU, 2011, p. 8, Preâmbulo)

Em outras palavras, a violência simbólica é estrutural e passa despercebida, tanto ao dominante quanto ao dominado, em grande parte de suas ocorrências. No entanto, uma percepção disso auxilia dominados e dominadores na tarefa de desestruturar esse *script*, isto é, de desnaturalizar o que parecia estar sempre lá, daquele jeito, ou *ser* como é.

Quantas Laís e quantas Henriqueta existiram e puderam existir? Certamente, centenas, mesmo em um Brasil colonial e depois. Constância Lima Duarte (2009; 2009a; 2016) vem, sistematicamente, revelando e reacendendo escritoras de séculos passados, expondo uma situação que relativiza, ainda bem, tanto o cânone literário vigente, este que conhecemos amplamente e na escola, quanto nossos próprios modos de pensar no que seja a literatura brasileira.

No entanto, não é tão simples tomar consciência de que a violência simbólica opera e sempre operou na escrita e na produção editorial do campo literário. Diz Bourdieu:

Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da

resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante.⁴ (BOURDIEU, 2011, p. 63)

O século XXI, já aproximados seus anos 20, começa a se desenhar como palco de um movimento de revisão dos espaços das escritoras, sejam como participantes de eventos, homenageadas, premiadas ou como simplesmente listadas nos catálogos de editoras de variado porte. A polêmica se instala em quase toda situação de dominação masculina, vide os debates – constantemente rebatidos – sobre a Festa Literária Internacional de Paraty, que em 2016 homenageia a poeta Ana Cristina César e tem como convidadas, segundo seu curador, Paulo Werneck, 44% de mulheres⁵. (Muitas vezes, isso soa quase como um sistema de cotas). Werneck, no entanto, não conseguiu escapar de outra polêmica: a ausência de negros na programação.

Em outro ponto do debate, um dos mais antigos e robustos prêmios literários do país, o do governo de Minas Gerais – terra de Adélia Prado, Henriqueta e muitas outras, acirra a polêmica posta, quando, em pleno 2016, publica a seguinte imagem institucional de lançamento do edital:

FIG. 1. Arte do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2016 apenas com fotos de escritores. Polêmica atual.



FONTE: <<http://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/index.php/pt-br/noticias/101-secretaria-de-estado-de-cultura-valoriza-talentos-literarios-2>>

E quando pensamos que a própria discussão sobre tudo isso tem sido ridicularizada,

⁴ É de se discutir, caso a caso, alguma “ingenuidade” ou vitimização que o sociólogo atribui aos homens neste trecho.

⁵ Ver entrevista de Werneck a Camila Moraes, do jornal *El país*. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/23/cultura/1464037174_953224.html?id_externo_rsoc=FB_CC>. Acesso em: 1 jun. 2016.

desqualificada como “histeria” ou “vitimismo”, é que é preciso mostrar e desvelar aspectos da violência menos óbvios do que os sexuais ou de outros tipos mais demonstráveis – e ainda assim também banalizados.

A escritora é uma figura pública relativamente recente no Brasil. Mesmo que participasse de todos os fluxos e mecanismos que levam um escritor a se transformar em autor legitimado, muitas vezes não alcançavam esse *status*, sendo apagadas dos cânones e da história por narradores para quem a medida de todas as coisas é masculina. Isso ocorreu a críticos, editores, outros autores, curadores, antologistas, etc. Também estão imbricadas aí, embora também invisibilizadas, as relações domésticas e afetivas. Marcelo Silva afirma, por exemplo, que cartas e diários foram gêneros sempre e muito escritos pelas mulheres, “mas dos quais elas precisavam se desfazer quando se casavam” (SILVA, 2012, p. 46). Reforçando essa tese, mas de outro patamar, Cecília Meireles reclama reiteradamente, em suas cartas a Henriqueta Lisboa ou a Lúcia Machado de Almeida, sobre a fragmentação de seu tempo e a divisão do trabalho doméstico, situação que a impedia – ou quase – de ter tempo para escrever (PAIVA, 2011). Esses são elementos quase intocados da discussão sobre a mulher e sua efetiva condição de qualificação e disponibilidade para atuação no espaço público. Normalmente, há quem faça com que pareçam apenas pequenezas. Veja-se um trecho de Cecília a Lúcia, em carta de 12 de abril de 1946 (inédita, no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG):

É isso justamente que eu não perdô à divisão de trabalho: que eu não possa escrever as minhas coisas, porque ninguém quer fazer o meu almoço nem a minha cama, sem, em compensação, escrever o que eu deixo de escrever.

2 O achado e o fac-símile: uma investigação em fontes primárias

Até quase o fim do século XX, escrever e publicar eram atividades analógicas, sintonizadas com tecnologias mecânicas e eletromecânicas. Os textos originais e os livros percorriam caminhos tortuosos para chegarem ao público e à posteridade. Autores e autoras, preocupados em ser lidos e fazer circular suas obras, correspondiam-se amiúde, entre si, com seus leitores e editores. Ribeiro (2013; 2013a), apenas para um exemplo, são amostras de como isso ocorria, intensamente, entre Clarice Lispector e alguns de seus interlocutores, mesmo a autora morando, por muitos anos, fora do Brasil.

Nos dias de hoje, tecnologias digitais reorganizaram esses processos, mas não dispensaram o sofrimento do trabalho de escrita, a leitura entre pares, o processo editorial, a

negociação com editores e as questões de divulgação. A documentação desses processos talvez repouse nas contas de e-mails dos autores, o que pode ser, de fato, uma grande fragilidade dos novos meios de experimentar a criação e a publicação literárias.

Com o objetivo de investigar aspectos editoriais da produção de Laís Corrêa de Araújo, Henriqueta Lisboa e Lúcia Machado de Almeida, recorri ao Acervo de Escritores Mineiros, localizado na biblioteca central do campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais. Eneida Souza assim descreve o AEM, em sua relação com o Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG:

O Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, com o apoio do CNPq, da PRPq/UFMG e da FAPEMIG, vem desenvolvendo o Projeto Integrado de Pesquisa *Acervo de Escritores Mineiros* desde 1991. O Projeto conta com os acervos dos escritores Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião, Oswaldo França Júnior, Cyro dos Anjos e Abgar Renault, Wander Pirolli, Octavio Dias Leite, José Maria Cançado, além das coleções Alexandre Eulalio, Ana Hatherly, Aníbal Machado, José Oswaldo de Araújo, Valmiki Vilella Guimarães, Genevieve Naylor e Fernando Sabino, compostos de biblioteca, documentos pessoais e profissionais, manuscritos e datiloscritos, correspondência, material iconográfico, mobiliário e pinacoteca. Seu objetivo principal é preencher uma lacuna no campo da organização, preservação e divulgação de acervos alocados em Minas Gerais, propondo-se como núcleo pioneiro de organização dos mesmos. Situado no *Campus* Pampulha, no 3º andar da Biblioteca Central da UFMG, e ocupando uma área de 680m², o novo espaço do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG foi concebido a partir de uma perspectiva museográfica e cenográfica, recriando o ambiente de trabalho dos escritores. Inaugurado em 16/12/2003, é um espaço permanente de exposição, construído com o apoio do Fundo CT-INFRA/FINEP. Destacam-se, no Acervo, obras raras do período do modernismo brasileiro, bem como preciosas coleções de periódicos. Além do espaço reservado para exposição dos acervos, há um espaço para o trabalho dos pesquisadores e bolsistas, com sala de reunião e infra-estrutura operacional. (SOUZA, 2009, p. 137).

Mobilizada por questões profissionais e pessoais, parti para a investigação da correspondência das três únicas autoras mineiras cujos fundos documentais estão arquivados no AEM. Deparei, então, com o arquivo mais enxuto de Lúcia, o imenso arquivo de Henriqueta e o incipiente acervo de Laís⁶, falecida há apenas dez anos.

As autoras em foco se conheceram e corresponderam-se, com menor ou maior frequência. Tinham conhecidas em comum, como é o caso de Cecília Meireles ou da chilena Gabriela Mistral. Eventualmente, comentavam aspectos de sua produção literária e da persistência para atingir editores, leitores, críticos e leitores. Lúcia e Henriqueta atuaram na literatura infantil ou juvenil – e talvez tenham ficado mais conhecidas nesse nicho da

⁶ O acervo de Laís Corrêa de Araújo só chegou ao AEM quando da morte de seu marido, o poeta Affonso Ávila, falecido em 2012. Os documentos ainda requerem tratamento e organização até serem plenamente disponibilizados ao público.

produção editorial e literária, a despeito de produzirem uma literatura “adulta” digna de respeito.

No trabalho de arquivo, examinei, inicialmente, a correspondência ativa e passiva de Lúcia Machado de Almeida, em busca de elementos de sua produção literária e editorial. Encontrei documentos que me levaram a conhecer um pouco seu processo de criação e as negociações sobre seus livros, incluindo a popular Série Vaga-Lume, pela editora Ática, com obras que a imortalizaram.

Já no arquivo de Henriqueta Lisboa, ocupei-me se sua vasta correspondência, sem concluir todas as leituras e os escaneamentos que gostaria de ter feito. Henriqueta tinha plena consciência de seu objetivo como escritora, ocupante do espaço público, mesmo quando percebia o silêncio sobre sua obra, persistentemente enviada a jornalistas, professores, críticos e toda sorte de intelectuais da época. Em carta ao tradutor Paulo Rónai, em 5 de janeiro de 1963, ela diz:

A editôra Livros de Portugal ainda não deu notícias do meu livro Além da Imagem que deveria aparecer até fins de 62. Mais um exerciciozinho de paciência. Para a autora, é claro.

Mostra a correspondência, especialmente a de Henriqueta, que, sim, são muitos “exerciciozinhos de paciência” ao longo da trajetória da escritora, e da de qualquer uma de suas congêneres.

Busquei fazer o que Reinaldo Marques (2015) chama de “examinar a contrapelo” o conjunto de documentos sob a guarda do Acervo de Escritores Mineiros, o que, de início, pareceu objetivo e quase linear. No entanto, materializando a rede social da qual as escritoras fazem e fizeram parte, umas cartas levavam a outras e a outros arquivos, afinal obrigando-me à interrupção em algum ponto, o que tornava o trabalho de pesquisa tão encantador quanto frustrante.

Afinal, o que temos sobre a persistência das poetisas mineiras – e brasileiras – no enfrentamento da violência simbólica que elas poderiam mal notar? E o que o desvelamento dessas questões, em meados do século XX, pode dizer às escritoras do século XXI, no entrelaçamento da literatura com a produção editorial, das agências de poder simbólico que temos hoje, incluindo novas tecnologias e novas formas de circulação e arquivamento?

3 Cartas às escritoras do século XXI

A carta como gênero discursivo, lida no arquivo franqueado ao público, está a meio caminho, já, entre a vida privada da escritora – em seu tempo, em suas relações – e a leitura pública de um documento histórico ou quase isso⁷. Ler as “conversações” entre as três autoras focalizadas neste trabalho – elas entre si e com outros e outras – é iluminador de uma situação social, editorial e literária da mulher que, ainda que não valha mais completamente para escritoras de 2016, auxilia na percepção de uma trajetória feita de violência simbólica ligada ao gênero e ao impedimento da ocupação do espaço público, especialmente em um lugar disputado, há muito, por intelectuais, exatamente o que uma mulher não poderia ser. Mesmo o discurso médico serviu para confirmar, ao longo das décadas, a suposta incapacidade inata da mulher para o pensamento e a produção intelectual.

A escritora do século XXI é outra, mas é ainda a mesma. No sentido do poder simbólico, ainda é minoria, especialmente se outros elementos estiverem em jogo – caso da escritora negra ou gay ou negra e gay. Das questões culturais e sociais e às geográficas, muitos júris de concursos importantes ainda são formados apenas por homens, assim como os concorrentes, embora as plateias e os bancos escolares sejam muito mais femininos⁸.

Das cartas de Henriqueta Lisboa, principalmente, é possível destacar o empreendimento persistente da escritora no espaço público, e não apenas daquela que tem a literatura como hobby ou passatempo. Henriqueta estava na disputa. E sabia de cada percalço, assim que ele aparecia. Quantas vezes pediu aos conhecidos os endereços dos intelectuais da época – geralmente, uma lista de homens – aos quais enviou seus livros recém-lançados, em busca de leitura, de resenha, de uma palavra, de reconhecimento. E não foi lida ou não foi mencionada. Às vezes, era, sim, convidada, reconhecida, mas nem sempre na proporção de seu esforço e de seu trabalho.

A escritora de hoje talvez esteja também consciente do caminho que faz, até porque as discussões sobre a violência simbólica estão, mais do que nunca, acesas. No entanto, considero o diálogo com o passado necessário para um melhor posicionamento sobre a

⁷ Esta é uma questão reiteradamente discutida por Reinaldo Marques (2015), especialmente quando ele diferencia, pertinentemente, o arquivo do escritor e o arquivo literário.

⁸ Pode ser interessante conhecer o texto de Rosane Pinheiro-Machado e de Cristiane Brasileiro sobre as mulheres na vida acadêmica, na revista *Carta Capital*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulheres-nas-universidade-cristiane-brasileiro-fala-porque-precisamos-aprender-a-contar?utm_content=bufferbe2ab&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer>. Acesso em: 1 jun. 2016.

atualidade e os esforços empreendidos por antecessoras que, se não contarem com suas sucessoras poetisas, professoras, editoras, antologistas e tradutoras, ainda poderão ser apagadas das narrativas futuras, sobre um passado ainda fugidio.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas: histórias de uma história mal contada. *Gênero*. Niterói, v. 9, n. 2, p. 11-17, 1. sem. 2009.

DUARTE, Constância Lima. Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil. *Pontos de Interrogação*, n. 1, p. 73-83, s/d. (relatório de pesquisa em 2009^a)

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2009.

MACIEL, Maria Esther (Org.). *Lais Corrêa de Araújo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. (Encontro com escritores mineiros 5)

MARQUES, Reinaldo M. *Arquivos literários*. Teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

MORAES, Camila. “Faltam negros no palco da Flip, mas também na plateia”. *El país*, 26 maio 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/23/cultura/1464037174_953224.html?id_externo_rsoc=FB_CC>. Acesso em: 2 jun. 2016.

PAIVA, Kelen Benfenatti. A Confraria das Sereias. In: XIV SEMINÁRIO NACIONAL & V SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 2011, Brasília. *Anais...*, 2011.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Mulheres nas universidades: por que precisamos aprender a contar? *Carta Capital*, 1 jun. 2016. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulheres-nas-universidade-cristiane-brasileiro-fala-porque-precisamos-aprender-a-contar?utm_content=bufferbe2ab&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer>. Acesso em: 2 jun. 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. “No Brasil, só se entende escrever em jornal” - Clarice Lispector, Fernando Sabino e redes de edição no século XX. In: 9º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2013, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: UFOP Alcar, 2013. p. 1-11.

RIBEIRO, Ana Elisa. “Não tem que ser bom editor, tem que ser rápido”: redes de edição de Clarice Lispector em meados do séc. XX. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2013, Manaus. *Anais...* Manaus: Intercom, 2013a. v. 1. p. 1-15.

SILVA, Marcelo Medeiros da. Poesia e resistência no Brasil: o caso das poetisas oitocentistas. *Artemis*, ed. 4, v. 14, p. 44-53, ago./dez. 2012.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. *Patrimônio e Memória*, v. 4, n. 2, p. 129-138, jun. 2008.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.